



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: OS EFEITOS DA (CON)VIVÊNCIA NOS AMBIENTES HOSPITALARES ENTRE PACIENTES COM DIAGNÓSTICO ONCO-HEMATOLÓGICO.

Eixo Horizontal: EH1: ESPECIALIDADES MÉDICAS/CAMPOS DE ATUAÇÃO

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Luiza Harger Barbosa; Claudete Marcon; Joselma Tavares Frutuoso;

As vivências decorrentes de um diagnóstico oncológico ultrapassam as implicações corporais e psíquicas do sujeito acometido pelo adoecimento, desencadeando efeitos em toda a rede social que o cerca (Cunha & Rumen, 2008), ao mesmo tempo em que o sujeito é também influenciado pelo compartilhamento da experiência daqueles que enfrentaram situações semelhantes. Diante deste contexto, as reflexões propostas neste trabalho, serão apresentadas a partir da fala e comportamentos apresentados por pacientes que receberam diagnósticos Onco-Hematológicos de Leucemias ou Linfomas. Segundo Felipe (2015) o espaço físico hospitalar nos remete a uma série de situações estressoras - vivência da dor; sensação de perda de controle da vida; sentimento de confinamento, separação do convívio familiar. Uma forma de tornar este ambiente mais acolhedores, seria a criação de vínculos, oferecendo oportunidade de compartilhar suas vivências, angústias, dúvidas e conquistas durante o percurso de tratamento. O presente trabalho tem como objetivo, apontar algumas percepções em relação à influência da convivência de pacientes onco-hematológicos sobre o processo de enfrentamento da doença. A metodologia adotada é exploratório-descritiva, de natureza qualitativa, visto que se pretende abordar a temática a partir de um relato de experiência, desenvolvido a partir das observações e da prática durante estágio curricular de psicologia, em um hospital-escola público do Sul do Brasil. As percepções das autoras foram pautadas em observações e relatos de pacientes ambulatoriais, que em suas narrativas compartilharam algumas de suas identificações, angústias e conflitos, mobilizadas pela morte de um paciente. O caso mobilizador refere-se a um paciente jovem, 30 anos, o qual manteve durante todo o acompanhamento uma excelente resposta à quimioterapia. Porém, em vias de finalizar o tratamento, depara-se com uma recidiva agressiva e, em cerca de um mês, não resiste aos avanços da doença e morre. A partir desta vivência, tornam-se claros os atravessamentos e processos de identificações gerados em seus colegas. O que chamou atenção foram as diferentes leituras e significados que cada sujeito estabeleceu para falar de um mesmo acontecimento. Os conflitos apresentados em cada um dos relatos condiziam com o momento pessoal e período do tratamento em que os demais pacientes em tratamento se encontravam, tornando-se nítida a exacerbção dos medos e dilemas subjetivos de cada um, diante da situação compartilhada. Ainda que tais compartilhamentos despertem angústias antes não percebidas ou expressadas pelos sujeitos, estas demarcam um importante conteúdo psíquico passível de elaboração. O psicólogo pode surgir como mediador para o manejo de tais sofrimentos, auxiliando os pacientes a resgatar estratégias funcionais de enfrentamento para lidar com as situações desafiadoras que permeiam o adoecimento. Cunha, A. D., & Rumen, F. A. (2008). Reabilitação Psicossocial do paciente com câncer. *Temas em psico-oncologia*, 7, 335-340. Felipe, M. L. (2015). Ambiente físico e linguaggio ambientale nel processo di rigenerazione affettiva dallo stress in camere di degenza pediatrica. (Dissertação de Doutorado, Università degli Studi di Ferrara, 2015)